



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 13/09/2013 a 19/09/2013

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Prof. Ms. Emerson Juliano Lucca²
Guilherme Gadonski de Lima³

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Professor, Economista, Mestre em Desenvolvimento, Analista e responsável técnico pelo Laboratório de Economia Aplicada e CEEMA vinculado ao DACEC/UNIJUI.

³ Estudante do Curso de Economia da UNIJUI – Bolsista PET-Economia.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

Produto Data	GRÃO DE SOJA (US\$/bushel)	FARELO DE SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO DE SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
13/09/2013	14,88	496,00	42,22	6,27	4,50
16/09/2013	13,48	431,20	42,13	6,41	4,56
17/09/2013	13,42	428,80	42,00	6,43	4,54
18/09/2013	13,47	427,00	42,47	6,46	4,56
19/09/2013	13,39	421,60	42,71	6,57	4,59
Média	13,73	440,92	42,31	6,43	4,55

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	74,15	-0,67
RS - Santa Rosa	73,55	-0,54
RS - Ijuí	74,05	-0,54
PR - Cascavel	71,65	1,27
MT - Rondonópolis	66,27	1,84
MS - Ponta Porã	65,70	0,77
GO - Rio Verde (CIF)	68,50	1,18
BA - Barreiras (CIF)	66,30	-0,30
MILHO		
Argentina (FOB)**	190,00	-1,04
Paraguai (FOB)**	125,00	-2,19
Paraguai (CIF)**	164,60	-2,31
RS - Erechim	25,10	-2,33
SC - Chapecó	25,15	-1,18
PR - Cascavel	20,10	-2,90
PR - Maringá	20,80	-3,70
MT - Rondonópolis	13,50	-7,85
MS - Dourados	17,00	-2,58
SP - Mogiana	21,50	-4,02
SP - Campinas (CIF)	24,81	-3,20
GO - Goiânia	20,25	1,00
MG - Uberlândia	23,50	2,17
TRIGO		
RS - Carazinho	890,00	0,00
RS - Santa Rosa	890,00	0,00
PR - Maringá	1014,00	4,00
PR - Cascavel	1012,00	4,33

*Período entre 13/09 e 19/09/13

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 19/09/2013

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,27	65,63	39,70

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	19,53
Feijão (saco 60 Kg)	137,27
Sorgo (saco 60 Kg)	19,53
Suíno tipo carne (Kg vivo)	2,53
Leite (litro) cota- consumo (valor bruto)	0,89
Boi gordo (Kg vivo)*	3,29

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

MERCADO DA SOJA

Com a entrada do mês de novembro na primeira posição cotada, naturalmente o valor do bushel de soja recuou em comparação a setembro. Todavia, a cotação atual, se comparado ao seu movimento das últimas semanas, recuou pouco, fechando esta quinta-feira (19) em US\$ 13,39/bushel. Para maio o fechamento deste dia 19/09 ficou em US\$ 13,01/bushel.

Na prática, passado o relatório de oferta e demanda do dia 12/09, o mercado considerou que os números ali apontados já estavam previstos, havendo ainda a possibilidade de uma correção para cima nos mesmos devido ao retorno das chuvas no Meio-Oeste dos EUA nesta última semana. E as chuvas foram significativas, eliminando com a estiagem existente desde agosto. Resta saber agora o potencial de recuperação da soja que está em final de ciclo e quase no período de colheita.

Dito isso, existem analistas que ainda consideram que a oferta de soja nos EUA, se ficar a produção em 85,7 milhões de toneladas, continuará apertada no restante do ano e pressionando para cima os preços. Especialmente porque a demanda pelo produto estadunidense se mantém consistente, particularmente em relação a China.

Soma-se a esse raciocínio o fato de os agricultores locais, que participam de programas de subsídios, informarem agora que a área não semeada neste ano foi maior do que o anteriormente anunciado, ficando a mesma em 682.720 hectares e não em 655.605 hectares. A diferença é pequena mas serve para alimentar a especulação.

Enfim, o quadro agora é de expectativa quanto a real safra que os EUA terão. Nosso sentimento é que poderemos ter surpresas, com um volume mais consistente do que o último anunciado pelo USDA. A colheita inicia neste final de setembro, com ênfase em outubro.

Até o dia 15/09 as condições das lavouras estadunidenses de soja indicavam 52% entre boas a excelentes, 32% regulares e 16% entre ruins a muito ruins. A julgar por estes números, a safra estadunidense será pelo menos normal.

Pelo lado da demanda, a China informou que importou 6,37 milhões de toneladas de soja em grão no mês de agosto, com alta de 44,1% sobre o mesmo mês do ano passado. Em comparação com julho houve recuo de 11,5%, porém, no acumulado do ano comercial o volume atinge a 41,05 milhões de toneladas, ou seja, 4,4% acima do mesmo período do ano anterior.

Paralelamente, na Argentina os produtores locais já teriam vendido 64% da última safra de soja, contra 83% em igual momento do ano passado.

Por sua vez, como já se sabia, a projeção de prêmios para o próximo ano indica forte recuo em relação aos praticados nesta entressafra. Para fevereiro, Paranaguá trabalha hoje com valores entre 20 e 30 centavos de dólar por bushel, enquanto para maio os mesmos são negativos entre 10 e 15 centavos. Nos demais portos brasileiros, os prêmios, para fevereiro, ficaram entre 20 e 55 centavos de dólar por bushel. Na

Argentina e nos EUA, para o mesmo mês, os prêmios oscilaram, respectivamente, entre 10 e 40 centavos, e entre 92 centavos e US\$ 1,00 por bushel.

No Brasil, este comportamento um pouco mais baixista em Chicago e a forte revalorização do Real, após anunciado do Banco Central dos EUA de que irá manter a injeção de US\$ 85 bilhões mensais na economia daquele país (a moeda brasileira fechou o dia 18/09 em R\$ 2,19 por dólar), puxou para baixo os preços da soja, confirmando a tendência que indicávamos há semanas. Com isso, o balcão gaúcho fechou na média de R\$ 65,63/saco e os lotes ficaram entre R\$ 70,50 e R\$ 71,00/saco na compra. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 59,80/saco em Sapezal (MT) e R\$ 70,00/saco em Pato Branco (PR).

A tendência futura continua sendo de preços mais baixos no momento da colheita. Hoje, considerando Chicago para maio (US\$ 13,07/bushel; um prêmio negativo de 10 centavos e o câmbio a R\$ 2,19) o valor de balcão, para a soja gaúcha, oscilaria entre R\$ 51,00 e R\$ 54,50/saco, dependendo da margem das empresas compradoras.

Nesse contexto, os preços futuros continuam excelentes, mantendo o quadro já destacado ainda no primeiro semestre. No Paraná, por exemplo, o porto de Paranaguá cota o saco a US\$ 28,00 para março (R\$ 61,32 ao câmbio atual), contra um valor de R\$ 73,50/saco no disponível atualmente. No Rio Grande do Sul, o FOB interior fixa o saco em R\$ 61,50 na compra para maio. No Mato Grosso, a soja em Rondonópolis fica em US\$ 23,00/saco para fevereiro (R\$ 50,37 ao câmbio atual). No Mato Grosso do Sul, a região de Dourados estabelece R\$ 52,50/saco para março, enquanto em Goiás o valor é de US\$ 23,50/saco para fevereiro. Em Minas Gerais, para abril, a compra ficou em R\$ 55,00 no Triângulo Mineiro. Enfim, na Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins os preços futuros, para maio, ficaram respectivamente em R\$ 55,00; R\$ 52,90; R\$ 55,80; e R\$ 52,20/saco. Já na BMF o contrato março fechou em US\$ 28,75 e o maio em US\$ 28,00/saco. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 23/08 a 19/09/2013.

Gráfico da Variação das Cotações da Soja entre 23/08 e 19/09/13 (CBOT)

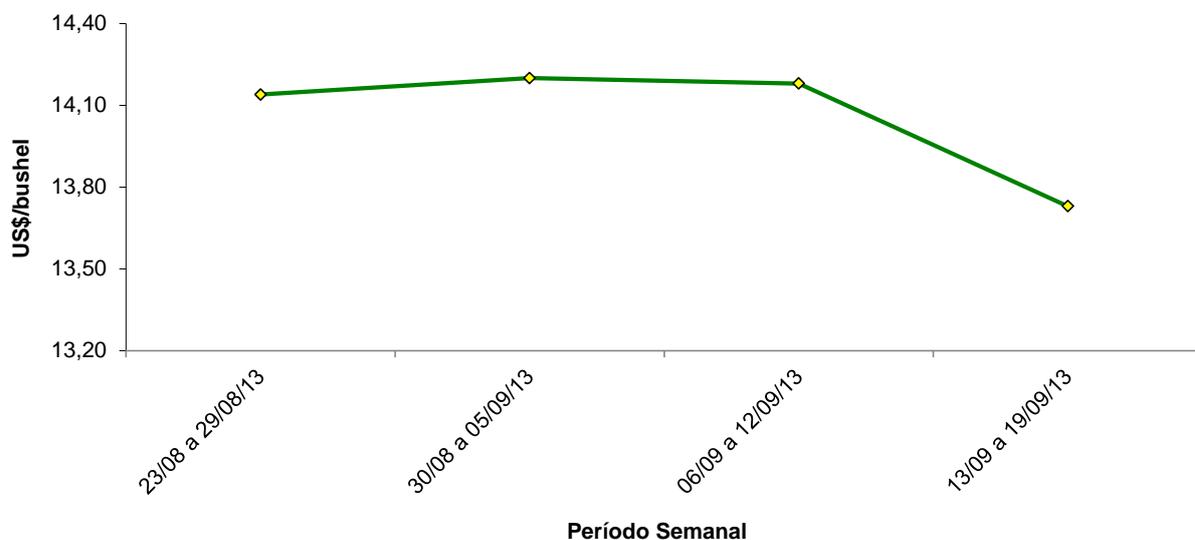
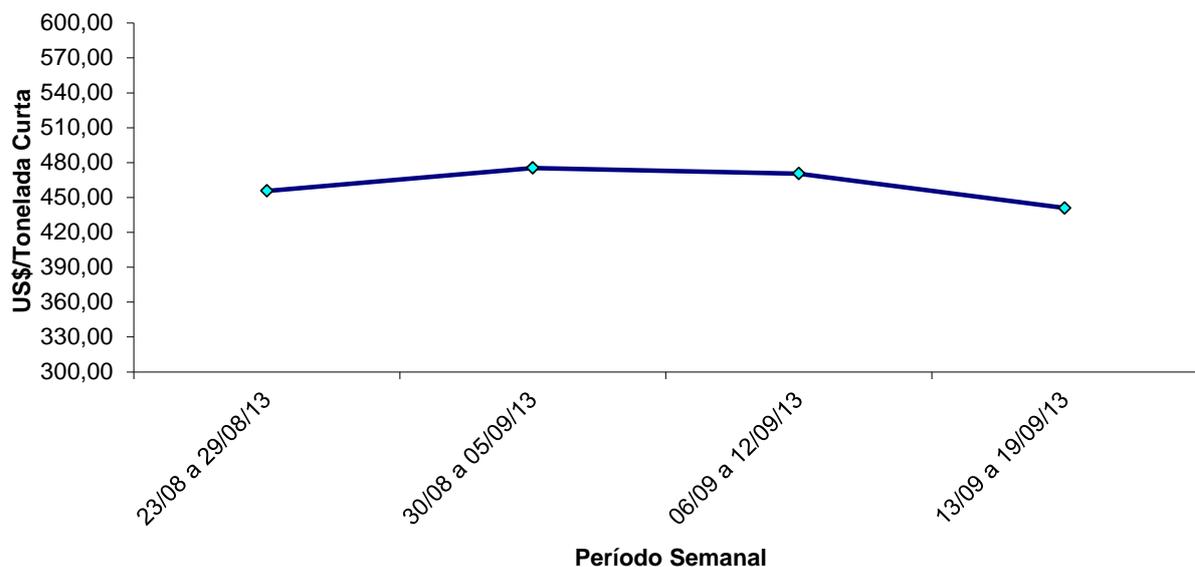
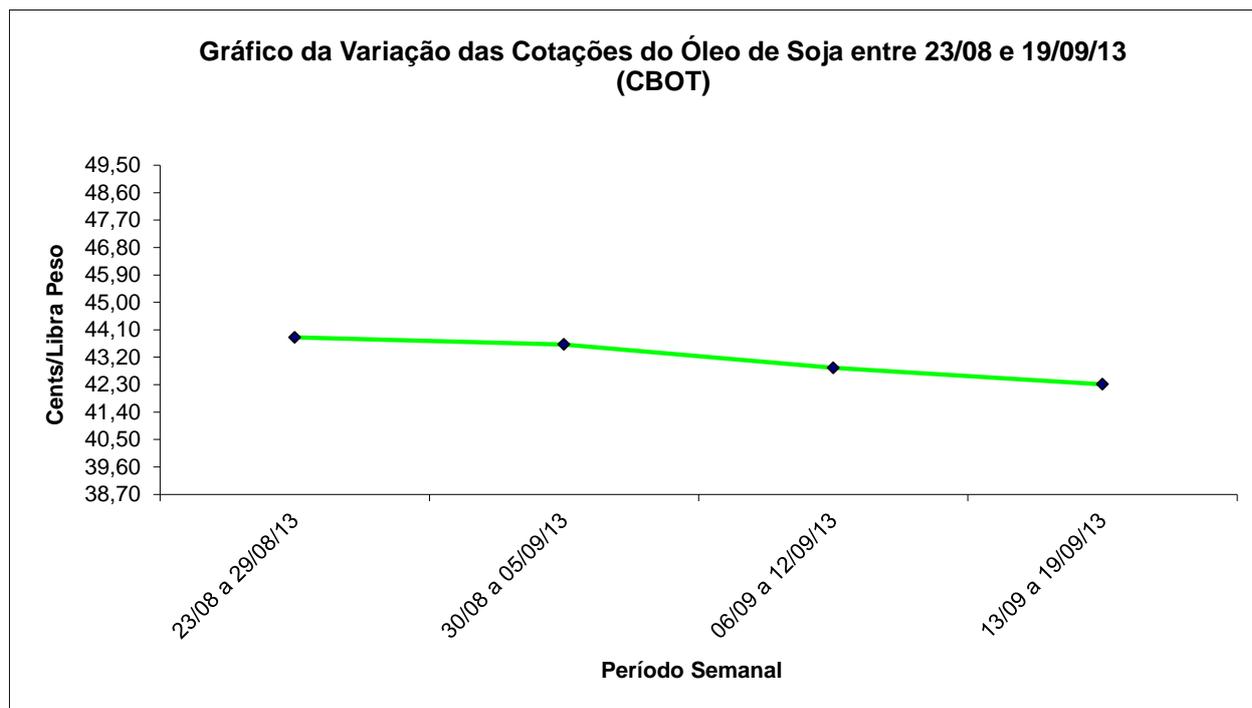


Gráfico da Variação das Cotações do Farelo de Soja entre 23/08 e 19/09/13 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago se estabilizaram, pressionadas pelo início da colheita nos EUA. A tendência agora é mais para novas baixas no valor do bushel de milho do que o contrário, já que a estimativa de safra naquele país é de um recorde ao redor de 352 milhões de toneladas. Nesse contexto, o fechamento desta quinta-feira (19) ficou em US\$ 4,59/bushel.

As primeiras colheitas na região de Ohio dão conta de uma produtividade recorde para o local, entre 13.813 e 14.943 quilos/hectare. Algo excepcional que, obviamente não deverá ser a realidade do conjunto da safra estadunidense, porém, já dá um sinal de que a colheita será importante e, talvez, melhor do que o anunciado até o momento. Até o dia 15/09 apenas 4% da área total havia sido colhida, contra 10% na média histórica, havendo então muito milho para ingressar no mercado norte-americano nos próximos 45 dias. Nesse contexto, torna-se difícil encontrar motivos altistas para as cotações em Chicago a partir de agora, apesar das tentativas dos especuladores.

A qualidade das lavouras de milho nos EUA, no dia 15/09, registrava 17% entre ruins a muito ruins, 29% regulares e 54% entre boas a excelentes.

Por sua vez, na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB ficou respectivamente em US\$ 190,00 e US\$ 125,00.

Nesse quadro, o mercado brasileiro sofre pressões baixistas novamente, na medida em que o produto brasileiro começa a perder liquidez diante da entrada da concorrência estadunidense no mercado externo. O mercado nacional procura agora definir em que patamar as mínimas irão chegar por aqui em novembro e janeiro. Soma-se a isso o fato

de que as exportações nacionais ficaram menos atrativas com a revalorização do Real nesta semana, quando o mesmo bateu em R\$ 2,19 no dia 18/09.

Mesmo assim, na primeira quinzena de setembro o Brasil exportou 1,63 milhão de toneladas de milho, surpreendendo parcialmente o mercado e indicando que o número de agosto poderá ser repetido agora. Isso permitiria um certo fôlego na manutenção de preços nacionais não tão baixos, pois reduz os estoques projetados para 2013/14.

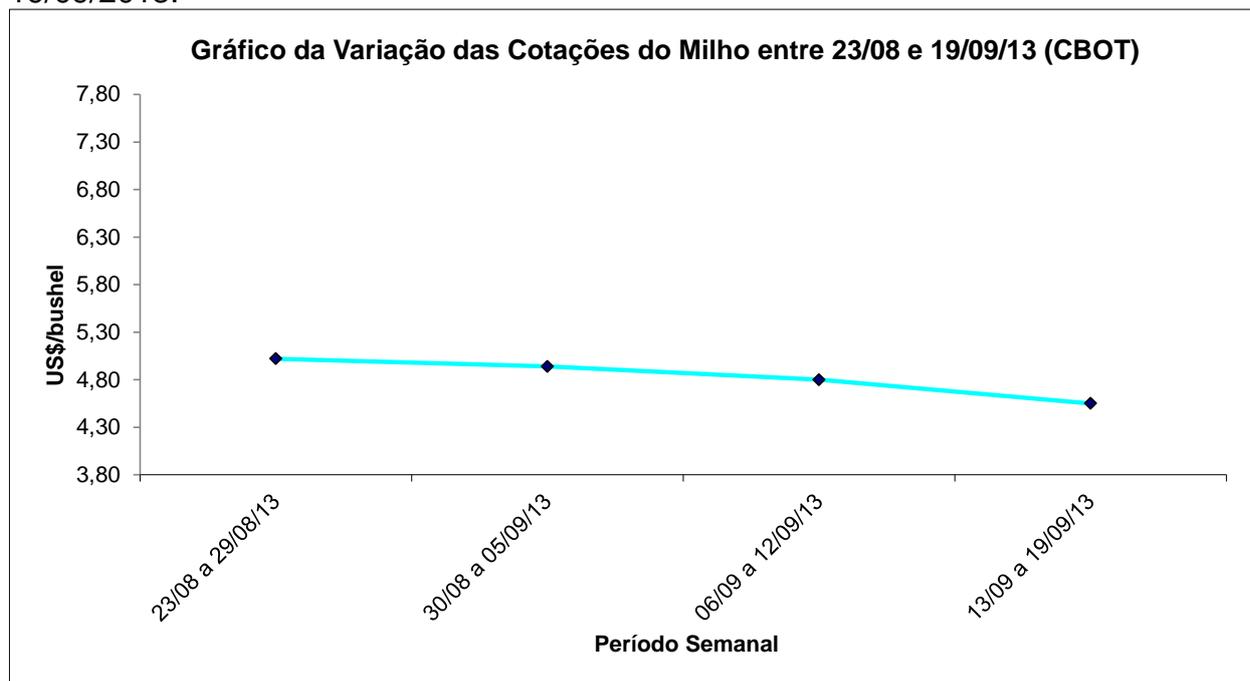
Todavia, o complicador maior continua sendo a enorme safrinha. Segundo a própria Conab, somente no Mato Grosso ainda haveria 10 milhões de toneladas de milho para serem escoadas. Nesse sentido, os leilões de Pepro foram estendidos para a região Sul do Brasil. Agora apenas os consumidores do Sudeste ficam sem as vantagens do subsídio do Pepro. Nesse contexto, Paraná e Mato Grosso do Sul ficarão com menos pressão de compra e se verão obrigados a vender milho na exportação e/ou São Paulo, visando diminuir a oferta existente. (cf. Safras & Mercado)

Assim, no mercado brasileiro o balcão gaúcho fechou a semana estável, em R\$ 23,27/saco, enquanto os lotes recuaram para R\$ 24,00 a R\$ 24,50/saco. Nas demais praças, na compra, os lotes oscilaram entre R\$ 9,00/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 24,00 a R\$ 25,00/saco em Santa Catarina.

Na prática, os produtores brasileiros que ainda não venderam seu produto ou fixaram preços na bolsa deixaram passar a melhor oportunidade diante da enorme safra dos EUA que está ingressando no mercado. Além disso a revalorização do Real em nada ajuda à formação dos preços. Ao câmbio atual, por exemplo, o interior paulista e de outras regiões do país passará a negociar milho abaixo dos R\$ 20,00/saco, com o mesmo podendo chegar a R\$ 18,00/R\$ 19,00. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, a importação, no CIF indústrias brasileiras, ficou em R\$ 36,82/saco para o produto dos EUA e em R\$ 32,82/saco para o produto argentino, ambos para setembro. O milho argentino para outubro igualmente registrou valor de R\$ 32,82/saco. Já na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes preços: R\$ 23,14/saco para setembro; R\$ 23,21 para outubro; R\$ 23,05 para novembro; R\$ 23,09 para dezembro; R\$ 23,21 para janeiro; R\$ 23,18 para fevereiro; R\$ 23,14 para março; e R\$ 23,21/saco para abril. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 23/08 a 19/09/2013.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago acusaram leve alta nesta semana, com o fechamento desta quinta-feira (19) registrando o valor de US\$ 6,57/bushel, após US\$ 6,27 no dia 13/09.

As vendas líquidas de trigo, por parte dos EUA, para a safra 2013/14, na semana encerrada em 05/09, ficaram em 543.882 toneladas, sendo que o principal destino foi o Brasil, novamente, com 210.800 toneladas. Na semana o volume total acusa um recuo de 19% sobre a semana anterior, porém, registra um aumento de 42% sobre a mesma semana do ano anterior. Já as inspeções de exportação, na semana encerrada em 12/09, ficaram em 1,25 milhão de toneladas, acumulando no total do ano comercial 2013/14 um volume de 11,4 milhões de toneladas, contra 8,4 milhões um ano antes.

Por sua vez, o trigo de primavera já está colhido ao redor de 90%, contra 87% na média histórica. Já o trigo de inverno, está semeado em 12% da área até o dia 15/09, estando dentro da média histórica.

Paralelamente, a Austrália deverá colher 25,5 milhões de toneladas de trigo em 2013/14, após 22,1 milhões no ano anterior, segundo o próprio USDA. Com isso, os australianos terão 19 milhões de toneladas a exportar. Já o Canadá deverá produzir a sua maior safra de trigo da história neste ano, com 31,5 milhões de toneladas. Diante desse volume, as exportações poderão chegar a um recorde de 20,5 milhões de toneladas, colocando o país como o segundo maior exportador mundial. (cf. Safras & Mercado)

Enquanto isto, no Mercosul, o anúncio de quebras severas nas lavouras do Brasil, devido as geadas, os preços futuros do cereal estão subindo. Na Argentina, o produto para embarque em 15 de dezembro pelo porto de Up River a tonelada ficou em US\$ 298,00. Em Necochea a compra ficou em US\$ 290,00/tonelada. Neste contexto, com o atual câmbio (R\$ 2,19) o produto argentino chegaria aos moinhos paulistas ao redor de R\$ 872,00/tonelada. Assim, a paridade no interior do Paraná seria de R\$ 762,00/tonelada contra um valor de mercado paranaense, hoje, que gira entre R\$ 1.000,00 e R\$ 1.200,00/tonelada.

Notícias procedentes do Paraguai dão conta de que as geadas igualmente atingiram bastante os trigais, provocando quebras importantes em muitas regiões. A produção final paraguaia baixou agora para 1,0 milhão de toneladas, contra 1,3 milhão inicialmente. Mas a qualidade do produto a ser colhido poderá reduzir ainda mais tal estimativa.

Aqui no Brasil, a principal notícia é que as geadas desta semana de setembro atingiram novamente os trigais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, provocando perdas que ainda estão sendo contabilizadas. Um primeiro levantamento aponta 20% de quebra no Estado gaúcho. No Paraná, as quebras foram ajustadas para algo próximo de 50% em relação ao inicialmente esperado, considerando já a perda de qualidade em boa parte do grão colhido.

Tanto é verdade que nos primeiros 10% de área colhida, o Paraná teria colhido entre 60% e 70% de trigo tipo pão e somente entre 10% a 12% de trigo tipo pão. O restante ficou na qualidade intermediária. Atualmente a colheita atinge a 28% da área e os números proporcionais sobre a qualidade do produto melhoraram um pouco, porém, longe do esperado inicialmente. Isso explica porque, no momento, os preços do cereal da safra velha voltaram a subir, se aproximando de R\$ 1.200,00/tonelada (R\$ 72,00/saco) para lotes. Atualmente, sem considerar a perda de qualidade, estima-se que a colheita paranaense fique em apenas 1,7 milhão de toneladas. A situação está tão crítica que a própria produção de sementes para a futura safra teria ficado comprometida naquele Estado. Na prática, os paranaenses estariam diante da pior safra dos últimos 13 anos.

No Rio Grande do Sul, os preços voltaram a subir, agora também puxados pelas possíveis perdas com as geadas da semana. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 39,70/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 880,00 e R\$ 900,00/tonelada. A cotação atual de balcão é 40% superior ao registrado no mesmo período do ano passado.

Esse quadro irá piorar o aperto na oferta do cereal no Brasil, mantendo preços elevados até o final do ano. No curto prazo, auxiliou a conter a alta de preços a revalorização do Real a qual permite importar trigo mais barato nesse momento. No médio prazo, a tensão sobre os preços somente irá diminuir com a entrada da safra da Argentina e do Uruguai em dezembro.

No somatório de todos estes problemas, a produção final brasileira de trigo, neste ano, está agora estimada entre 4,0 e 4,6 milhões de toneladas, sem considerar ainda a grande quantidade de produto com qualidade ruim que será colhida. Desta forma, o Brasil poderá importar entre 7,5 a 8,0 milhões de toneladas neste ano 2013/14, se constituindo esta numa das maiores de sua história.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 23/08 a 19/09/2013.

